

“Caminhando e cantando e seguindo a canção”: Edileusa e sua família escrevem sua história com suas próprias mãos!



Edileusa e a sobrinha Jéssica se orgulham da produção agroecológica.

A agricultora Edileusa da comunidade de Tanque de Claudiano, município de Riacho de Santana, vem escrevendo ao lado da sua família uma bela história de convivência com o Semiárido, afinal, como diz o poeta Zé Geraldo, “o importante é crer nessa força incrível que existe dentro de você e escrever sua história pelas suas próprias mãos”. É assim que Edileusa e sua família vêm superando as dificuldades e lutando por um Semiárido melhor com mais oportunidades.

Apesar dos desafios, Edileusa e seu esposo Marivaldo nunca desistiram de lutar pelos seus sonhos, sempre tiveram amor pelo lugar em que vivem. No início, o casal não tinha terra para plantar sua lavoura, por isso trabalhava junto com a família – os pais de Marivaldo. A vontade de Edileusa em ter seu pedacinho de terra era tão grande que o sogro José Francisco doou

5 hectares de terra para a agricultora. Anos depois, Edileusa revela com segurança: “Eu quero ser agricultora pro resto da vida”.

O casal de agricultores também enfrentou muitas dificuldades para conseguir água antes da chegada das cisternas de consumo e de produção. “Logo quando cheguei aqui, a água vinha no carro pipa, a água era por fila, pegava a água trazia nos baldes, nos galões e guardava só pra beber, colocava a água no filtro quando ia lavar o filtro você via aquela sujeira, e hoje não, eu lavo o filtro, a água é limpinha não tem sujeira nenhuma. Antes minha menina dava diarreia direto depois das caixas, nunca mais”, afirma a agricultora.

Edileusa conta que também costumava pegar água com a ajuda de um jumento a longas distâncias de sua casa. Quando chovia toda a família ia limpar o lajedo pra conseguir armazenar água da chuva e suprir as necessidades por algum tempo. A luta era árdua, mas Edileusa nunca desistiu dos seus sonhos, nunca se entregou diante das dificuldades. Afinal, os agricultores e agricultoras, a exemplo de Edileusa, são protagonistas da construção de um Semiárido melhor.

E cantando “a beleza de ser um eterno aprendiz”, Edileusa fala do significado de conquistar a tecnologia: “Pra mim foi bom demais, foi a coisa melhor que aconteceu na vida da gente foi essas caixas. Nós aprendemos muita coisa depois das caixas, aprendemos tanta coisa com o Movimento de Mulheres, a vida da gente melhorou bastante. Nós aprendemos com a menina que veio dar o curso pra não queimar o lixo que serve de adubo. Melhorou bastante, ninguém usou mais veneno, depois dessas caixas minha menina não adoeceu mais”, ressalta a agricultora cheia de orgulho.



Edileusa e Marivaldo cantam a alegria de viver no Semiárido.



A família de Edileusa colhe os frutos da terra.

Através da conquista da cisterna de consumo em 2010 e da cisterna de produção em 2013, Edileusa e Marivaldo começaram a realizar o sonho de uma vida melhor no Semiárido com a consciência dos seus direitos e mais oportunidades para viver com dignidade. A família unida começou a produzir de forma agroecológica plantando de tudo um pouco: couve, alface, beterraba, cenoura, coentro, pimentão, dentre outras variedades que garantem a segurança e a soberania alimentar.

“A gente tem as verduras, antes se chegasse uma pessoa aqui a gente preocupava em ir a Riacho pra comprar verdura e ainda cheia de veneno e agora não. A gente vai lá na horta pega 4 folhas de couve, corta, faz uma farofa, frita um ovo caipira e o almoço tá pronto”, afirma Edileusa.

A agricultora também planta a mandioca com a finalidade de produzir a tapioca para fabricação de bolos. Além disso, Edileusa cria galinha caipira para o consumo da família e também para vender. Os ovos são utilizados nos bolos que faz pra vender, na alimentação da família e para comercialização.

Além da melhoria da qualidade de vida da família de Edileusa e Marivaldo, o quintal produtivo possibilitou a geração de renda. Além de comercializar seus produtos na própria comunidade, Edileusa também entrega hortaliças e bolos para o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, através do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC. Recentemente a agricultora conquistou mais um espaço para comercializar suas verduras: na feira de Riacho de Santana. O MMC, com apoio do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA conseguiu barracas e espaço na feira para várias famílias agricultoras, como a de Edileusa.

O acesso às políticas públicas é um direito dos povos do campo, e quando isso se torna realidade, as famílias agricultoras tem a oportunidade de escrever sua própria história e construir um Semiárido diferente. Exemplo disso é a história de Marivaldo, que durante muito tempo trabalhou em carvoarias longe da família. Hoje, consegue escrever outra história, trabalhando no quintal produtivo perto de casa. “Pra mim a cisterna foi boa, trabalhar em casa ao lado da família é muito bom”, afirma Marivaldo.

E assim, para conviver com o Semiárido, “se depende sempre de tanta, muita, diferente gente, toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas”. Essas palavras traduzem a união e a persistência da família de Edileusa em lutar por um mesmo objetivo. Não é só o casal de agricultores e os filhos Flávia e Daniel que ajudam na produção, mas toda a família. Desde o S. José Francisco, pai de Marivaldo, que começou a plantar, ainda com a água de uma cacimba, as primeiras hortas; sua esposa Dona Neusa sempre muito sorridente incentivando a todos/as; os irmãos de Marivaldo: Sandra, Nivalda e Vandilson sempre com disposição e boa vontade pelo trabalho em família. E não poderia deixar de falar das crianças, dos jovens da família; Davi Luís, Jéssica, Camila, Rony, Rose, que apesar da pouca idade já esbanjam alegria e dedicação pelo trabalho no campo.

O exemplo da família de Edileusa e Marivaldo mostra que é possível conviver com o Semiárido desde que se tenham políticas adequadas que propiciem à mulher e ao homem do campo trabalhar e viver dignamente na sua terra. Então, “vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”.



Juntos na luta por um Semiárido melhor: “Nós podemos tudo, nós podemos mais”.

Durante o texto foram utilizados alguns trechos de músicas. “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré), “O que é, o que é?” (Gonzaguinha), “Como diria Dylan” (Zé Geraldo), “Caminhos do coração” (Gonzaguinha).